

A PERMANÊNCIA DO REGIONALISMO NO ROMANCE BRASILEIRO: O CERRADO DE CARMO BERNARDES

Vanilde Gonçalves dos Santos LEITE; Rogério SANTANA
F L - UFG
vanildegsl@hotmail.com

Palavras-chave: Regionalismo – Evolução Estética - Permanência

Ao estudar as diferentes correntes que constituem a história da literatura brasileira, a vertente regionalista apresenta uma característica peculiar: alterna fases de relevância e de declínio, mas ressurgue sempre atual, orientando grandes produções literárias no país. Tendo surgido durante o Romantismo prendeu-se à tendência nacionalista cujo objetivo era construir a identidade do país e representar as particularidades das diferentes regiões brasileiras.

O regionalismo tornou-se uma tradição na história da literatura do país e perpassou o tempo por um século e meio. Já agrupou e continua agrupando escritores dentre os mais significativos das diferentes regiões do país, que na verdade, cada uma dessas regiões é “menos uma região do país que uma região de arte”. Regiões que não “dão lugar a literaturas isoladas, mas que contribuem com suas diferenciações para a homogeneidade da paisagem literária do país”. (COUTINHO, 2006. p. 237).

Razões históricas e ideológicas da recorrência do regionalismo tem sustentado a sua permanência entre as tendências literárias nacionais desde a independência do Brasil. E “como toda tendência literária, não é estático. Evolui. É histórico, enquanto atravessa e é atravessado pela história” (LEITE, 1995, p. 157). E essa evolução, desde o início da formação da literatura brasileira tem impulsionado muito escritor regionalista a valorizar a qualidade estética e a invenção criadora de suas obras em detrimento da narrativa pitoresca e localista.

Partindo dos indícios da presença contínua do regionalismo na literatura nacional, traçou-se o objetivo de mostrar as possibilidades de sua permanência na história do romance brasileiro como prática evolutiva e como forma de manifestação artística, em especial na obra de Carmo Bernardes. E para se chegar ao objetivo traçado foi realizada uma pesquisa que buscava analisar maneiras de como o

regionalismo se manifestava, principalmente em dois dos livros que compõem a obra do autor: *Jurubatuba e Nunila*.

Foi feito então um estudo com o intuito de se adquirir uma visão panorâmica das várias fases dessa vertente literária, iniciando com o seu surgimento até os dias atuais. Em seguida foram lidas as obras do autor e sua fortuna crítica. À medida que a pesquisa avançava sentia-se a necessidade de aumentar o referencial crítico que ajudasse a entender melhor as leituras já feitas, tanto das obras bernardianas quanto de outras com características semelhantes. Após a aquisição de uma maior bagagem teórica foi iniciada a fase de análise e registro das descobertas.

Ao estudar o material bibliográfico sobre o regionalismo o contato com diferentes críticos e seus diferentes pontos de vista apontava para um regionalismo de recorrência permanente, e que nas suas diferenças pode ser considerado como riqueza na busca de uma expressão literária de qualidade e sem servilismo artístico em relação aos centros divulgadores de cultura.

Inevitáveis confrontos estabelecidos entre diferentes pontos de vista desencadearam reflexões que começaram a confirmar, pelo menos em parte, a hipótese que motivou essa pesquisa. Alguns críticos são contra categorizar obras literárias em regionalistas ou não, outros negam a sua existência, mas a grande maioria admite sua presença ao longo da história da literatura brasileira. Antonio Candido, ao afirmar que “muitos hoje o atacam, muitos o praticam”, deixa clara a ideia de que essa tendência permanece e pode ser verificada em muitas obras literárias contemporâneas.

Os estudos mostram que a literatura regionalista não teve um período datado de começo e fim. Ela foi se metamorfoseando e com o decorrer do tempo superou sua fase inicial do otimismo patriótico, atravessou a tomada de “consciência de um país novo” e chegou à “consciência de um país subdesenvolvido. Na fase seguinte, depois de um período com obras de pouca relevância ele ressurgiu, e segundo Candido, com extremo “refinamento técnico, graças ao qual as regiões se transfiguram e se subvertem, levando os traços antes pitorescos a se desencarnarem e adquirirem universalidade” (2000, p.161), atingindo o ponto máximo com Guimarães Rosa.

E então o regionalismo começou a ser pensado sob a perspectiva dos estudiosos que orientam esse projeto e as discussões que tem suscitado no meio

acadêmico sobre a sua permanência na constituição do romance brasileiro acreditando que ele tenha “fôlego de sete gatos”. Lembrando outra vez Antonio Candido, ele explica o tipo de mudanças que tem ocorrido nas obras dessa vertente:

“os temas permanecem os mesmos: se os cenários são ainda a terra que, soberana, domina os homens e os animais e as coisas se as condições socioeconômicas são ainda, na maior parte, aqueles que escravizam e aviltam, sem lhes dar oportunidade de fuga e superação; o ângulo de visão, o veículo expressivo e a técnica da estrutura são outros.” (CANDIDO, 1987, P. 161)

Outro nome a ser lembrado para esse estudo é João Cabral de Melo Neto. Em suas palavras “regionalismo é [...] falar de problemas que estão mais próximos da pessoa que fala; a dor do homem, a alegria, as sua lutas e a suas belezas [...] apenas com aquele interesse intrínseco do humano, na valorização do humano.”

Lúcia Miguel Pereira amplia a perspectiva sobre o regionalismo afirmando que este transcende a paisagem, pois “Se considerarmos regionalista qualquer livro que, intencionalmente ou não, traduza peculiaridades locais, teremos que classificar desse modo a maioria da nossa ficção, o que certamente reduziria o conceito e sua abrangência.

Para Ligia Chiappini, professora titular de teoria literária e literatura comparada da USP e estudiosa do assunto, o regionalismo não se limita a uma ou outra área do país, como também não ocorre só no Brasil, é um fenômeno universal como tendência cujas características estão presentes em muitos trabalhos literários, “mesmo independente da adesão explícita dos seus escritores”

Para quem não aceita a abrangência do regionalismo José Maurício Gomes de Almeida dá a seguinte explicação sobre o que é uma obra universal em relação a uma regionalista:

Uma obra torna-se universal pelo seu significado e o fato de mostrar-se presa, em sua matéria narrativa, a um contexto cultural específico, que se propõe a retratar e onde vai haurir a sua substância não a impede de adquirir sentido universal. (ALMEIDA, 1980. p. 262)

Essas explicações como as de outros críticos da literatura nacional levam a entender que cada vez mais, em termos de qualidade, a literatura de torna brasileira, independente do espaço onde estão contextualizadas as ações vivenciadas por seus personagens. Ao mesmo tempo apresenta o vigor de estar

próximo às raízes que são fontes fornecedoras de inspiração criadora a seus autores. A necessidade dessa proximidade recebe o apoio de Afrânio Coutinho ao afirmar que “a literatura no Brasil, fenecem os escritores – sempre que distanciam daquelas fontes locais”.

Por isso, o regionalismo em suas diferentes fases foi importante, não só para expor os aspectos naturais de cada região, mas, sobretudo porque foi também instrumento fundamental para que escritores como Carmo Bernardes e outros das demais regiões brasileiras fizessem uma literatura na qual sociedade urbana e sociedade rural se vissem representadas.

Ao focar temas regionalistas com o seu já reconhecido aprimoramento estético, os romances de Carmo Bernardes como os de outros autores, goianos ou não, se expressam como força estimulante para o revigoramento dessa vertente, além de garantir sua permanência no cenário da literatura brasileira. Percebe-se o alcance universal na narrativa do escritor por meio da historicidade, da representação e da condição dos seus personagens, com suas lutas e dores, sua beleza, sua alegria e do interesse em entender o homem.

Jurubatuba e Nunila configuram-se como obras regionalistas sem deixar de apresentar caráter universal quando trata dos grandes problemas que afligem o ser humano. Contextualizando o drama vivido pelas personagens e sua linguagem característica Carmo Bernardes consegue aproximar e envolver o leitor do universo e da cultura do cerrado goiano, não importando de que lugar ele seja.

Poder-se-ia dizer que nessas obras estão representados os resultados da evolução regionalista e sua importância para a constituição do romance brasileiro. É sempre à sua história que se recorre quando se “quer compreender os momentos decisivos da moderna literatura brasileira. Para Antonio Candido o regionalismo certamente sobreviverá pelo menos enquanto houver uma “tensão dialética entre o local e o universal”. E a essa afirmação acrescenta sobre o fenômeno de sua permanência:

O que acontece é que ele se vai modificando e adaptando, superando as formas mais grosseiras até dar a impressão de que se dissolveu na generalidade dos temas universais, como é normal em toda obra bem-feita. E pode mesmo chegar à etapa onde os temas rurais são tratados com um requinte que em geral só é dispensado aos temas urbanos (2000 p 86-87).

Para complementar a ideia sobre essa tensão pode-se outra vez citar José Maurício Gomes de Almeida ao esclarecer que “regionalismo coloca-se no pólo oposto ao cosmopolitismo – que encerra uma conotação de desenraizamento cultural- nunca a universalismo”. (1980. p. 262)

Pelos estudos feitos e pelas análises das obras literárias regionalistas, e as não assumidamente regionalistas, conclui-se que essa vertente é considerada atual por muitos críticos. Ela continua presente nas boas obras literárias contemporâneas, o que já evidencia a possibilidade de sua permanência exercendo influência sobre a literatura brasileira contemporânea, inclusive na chamada literatura urbana quando retrata em suas narrativas a linguagem de diferentes comunidades das grandes cidades, com as variações e gírias que lhe são próprias. O mais importante, portanto é desmistificar a vinculação do regionalismo à falta de qualidade literária e colocar o texto acima de qualquer forma de classificação para então admitir que a força dessa vertente foi suficiente para superar de suas próprias contradições através da história da literatura nacional mantendo-se por isso, como fenômeno atemporal e moderno.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, José Maurício Gomes. **A Tradição Regionalista no Romance Brasileiro** (1857 – 1945). Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.

_____. **Jurubatuba**. Goiânia: Rio Branco, 1972.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 42ª. São Paulo: Cultrix, 1994.

CÂNDIDO, Antônio – **Literatura e Sociedade**. São Paulo, Publifolha, 2000.

CÂNDIDO, Antonio. Literatura como sistema. In: **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos – I vol.** Belo Horizonte - Janeiro: Rio de Itatiaia, 1997, 8ª ed.

_____. **Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária**. 8ª São Paulo: T.A.Queiroz, 2000.

COUTINHO, Afrânio dos Santos. **A Literatura no Brasil**. 7ª Ed. São Paulo Global, 2004

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura. In: **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n.15, p. 153-159. Disponível em: www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/170.pdf. Acesso em 09 de novembro de 2009

PEREIRA, Lúcia Miguel. **História da Literatura Brasileira. Prosa e ficção de 1870 a 1920**. Rio de Janeiro: J. Olímpio/MEC, 1973